

## Tecnologias e mercado de trabalho: "educar para o desemprego"

Face à velocidade tecnológica e aos travões da economia, alguns vão afirmando que a escola deve ter um duplo papel: educar para o emprego e o desemprego.

Em fins dos anos 1960, um historiador de Harvard publicou um texto que se constituiria numa significativa contribuição ao estudo da evolução do capitalismo e tornar-se-ia um clássico no seio da História Económica. O historiador chamava-se David Landes e o livro era **The Unbound Prometheus**, que, na tradução brasileira, recebeu a denominação de **Prometeu Desacorrentado**. Aí, na parte dedicada aos processos que caracterizaram a reconstrução e o crescimento económico da Europa Ocidental no pós-guerra, Landes realçou alguns factores que, em seu entendimento, teriam sido centrais para a vertiginosa ascensão económica europeia. Dentre eles, aponta o aumento dos conhecimentos científicos e tecnológicos, a ruptura com o saber convencional da ciência económica e "o novo espírito de cooperação internacional". Com base nisto, e numa altura em que Theodoro Schultz dava corpo às suas teses sobre o **capital humano**, o professor Landes não conteve as suas expectativas: Concluía que, com o suporte do conhecimento e da inovação tecnológica, haveria um infundável desenvolvimento que promoveria intensamente a ascensão político-económica entre países e social internamente a eles. Não demoraria muito tempo para se ver quão equivocada era essa ideia.

O quadro delineado logo no início dos anos 1970 foi, numa situação que se pode buscar inspiração analítica nos chamados **ciclos de Kondratiev**, de fechamento de uma fase e de início de outra. O **capitalismo avançado** entrou num período de esgotamento que, como diz Eric Hobsbawm, marca o fim da **Era de Ouro**, seguindo-se, a partir de 1973, a história de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade. Diante da exaustão dos sistemas de câmbio fixo de Bretton Woods e da crise do petróleo, que desencadearam fenómenos como a pressão inflacionária, a diminuição do ritmo de crescimento económico e as tendências ao desemprego, teve início a reviravolta antikeynesiana. O **capitalismo flexível** estava a caminho. Nesta conjuntura, assistiu-se ao **adeus** à ideia de posto de trabalho como algo estável, permanente, donde actualmente o tão difundido conceito de **empregabilidade** tira proveito, e traduz a demonstração empírica de que não há emprego para toda a gente.

Em tal cenário, as novas tecnologias foram apropriadas como recursos nas iniciativas em prol da superação da crise e da recomposição do padrão de acumulação - num processo que, ideologicamente, se beneficiou da queda dos regimes burocrático-estalinistas da Europa do Leste -, sendo manifestações suas no mercado de trabalho, por exemplo, a informatização e a robótica. Ao mesmo tempo também, diante da erosão da noção de posto de trabalho como algo estável, difunde-se a "pregação" concernente à necessidade de tornar as pessoas "empregáveis", dotando-lhes das devidas **competências**. O que, na prática, reservado o trabalho degradado e sem segurança social para a mão de obra imigrante, significa reconhecer que "educar para o emprego" implica igualmente em "educar para o desemprego". E assim promove-se uma lógica de desenvolvimento que, como afirma um especialista em temas de Economia da Educação (Pablo Gentili), transforma a dupla "trabalho/ausência de trabalho num matrimónio inseparável".

Apesar de factos como os que aludimos, nos dias presentes, concebendo-se o desenvolvimento tecnológico de modo a-histórico, por todos os lados, não se pára de referir as "propriedades terapêuticas" da educação em relação ao desenvolvimento nacional. E há até mesmo boas intenções que, em *Manifestos*, se deixam levar por essa retórica. Ora, usando um pouco o "combustível da ironia" como *arma da crítica*, é o caso de se dizer, com as necessárias mediações, que se a questão fosse apenas de mão de obra qualificada, a perspectiva dos países da Europa do Leste seria outra.